

## A AUTOFICÇÃO EM *AFTERSUN* (2022): UMA ANÁLISE FÍLMICA

GUILHERME BANDEIRA MACHADO<sup>1</sup>; VALENTINA FERREIRA ACOSTA<sup>2</sup>;  
JÉSSICA MARIA ROCHA DA SILVA<sup>3</sup>; ROBERTO RIBEIRO MIRANDA COTTA<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [guilhermebandeira.svp@hotmail.com](mailto:guilhermebandeira.svp@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [valentina.pel@gmail.com](mailto:valentina.pel@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [jessicamariarochadas.111@gmail.com](mailto:jessicamariarochadas.111@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas - [robertormcotta@gmail.com](mailto:robertormcotta@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Contar histórias que vivemos e conhecemos. Essa é a maior tônica que um roteirista poderá vivenciar em sua vida. Ao analisarmos a filmografia de um cineasta, certamente seremos apresentados a vivências que revelam seus estilos, trazendo à tona uma subjetividade ligada à forma de como conduzir uma narrativa. Podemos citar Tim Burton com sua estética gótica influenciada pelas histórias de Edgar Allan Poe, ou mesmo o diretor brasileiro Walter Salles com dramas que passeiam geograficamente por regiões do mundo, seus *road movies*.

Ainda assim, há cineastas que vão além do maneirismo e procuram se aventurar dentro de suas próprias histórias através da sétima arte. François Truffaut, Richard Linklater, Pedro Almodóvar e Petra Costa são apenas alguns dos grandes nomes que contam as histórias de suas vidas, buscando instigar e provocar questionamentos acerca de suas experiências, às vezes no intuito de, até mesmo, entendê-las. É o caso da autoficção, a qual essa pesquisa se propõe a analisar: o longa-metragem de ficção *Aftersun* (2022).

Charlotte Wells pincela o conceito de autobiografia ao se aventurar por suas memórias de infância na busca de tentar entender o passado e, talvez, completar as lacunas existentes na infância. Para SIMÕES:

Todo o processo de desvelamento das memórias envolve ocultamentos, silenciamentos e esquecimentos que levam à dúvida a frágil linha entre memória e imaginação, ou recriação. E a dúvida é um motor poderoso. (SIMÕES, 2022, p. 31).

Assim, ao adotar uma metalinguagem assumida e colocar a si mesma como protagonista de sua história, ela, agora adulta, mergulha em um recorte de seu eu mais jovem, no intuito desvendar as memórias nubladas de uma viagem de férias de verão com o seu pai. E com isso, Charlotte mistura gravações antigas de uma *handycam*<sup>1</sup> com imagens pitorescas de um universo não diegético para criar uma obra audiovisual sensível e minimalista.

---

<sup>1</sup> Handycam, criada pela [Sony](https://www.sony.com) no lançamento da filmadora compacta em 1985, é nome dado aos modelos de filmadoras de mão encontradas no mercado audiovisual.

## 2. METODOLOGIA

A realização deste trabalho se constrói a partir de uma indagação de como a autoficção se relaciona com os aspectos narrativos e estéticos de *Aftersun*, e como a diretora e roteirista Charlotte Wells mergulha em uma direção autobiográfica no percurso de realização de seu primeiro longa. Foram analisadas as linhas narrativas e estéticas que constituem o produto, para então se obter uma congruência entre proposta e resultado final, buscando utilizar como método de pesquisa um estudo de caso. BORDWELL & THOMPSON (2013) afirmam que a forma é a soma de todas as partes do filme, unificadas e moldadas por padrões tais como repetição e variação, enredos e características das personagens (p. 32).

Dessa maneira, esse estudo aborda como referência principal a entrevista concedida pela própria diretora e roteirista a respeito de seu processo criativo, além de textos acadêmicos de autoficção e temáticas a respeito do filme.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para muitos, quando somos crianças temos uma visão heroica de nossos pais. São indivíduos imbatíveis, bravos e que sempre irão nos proteger, não importa o que aconteça. No entanto, mais tarde entendemos que nossa inocência nos priva das reais individualidades que estão ali presentes em cada um deles. “Nessa dimensão do herói, o que se visa é a manutenção de um narcisismo já abalado, uma ânsia em recobrar o lugar do Pai por meio de identificações.” (COSTA, 2018, p. 7). No longa *Aftersun*, Charlotte Wells explora essa quebra através da perda da inocência de Sophie (Frankie Corio), que aos 11 anos, realiza uma viagem de férias de verão com seu pai, Calum (Paul Mescal), para a Turquia. Durante a narrativa acompanhamos duas versões da protagonista: a mais jovem, que está viajando com o pai; e a mais velha (Celia Rowson-Hall), que vinte anos mais tarde já é mãe de um recém-nascido e continua sua viagem, não para uma pousada em outro país, mas sim, pelas memórias que outrora possuiu sobre seu pai e a mesma viagem para a Turquia. Dessa forma, a cineasta nos convida a investigar junto a ela essa figura paterna que se fazia presente nas imagens registradas durante o curto tempo de duração desse passeio.

A obra é repleta de imagens (ficcionalis) filmadas em uma *handycam* dos anos 1990, a qual Sophie utiliza para gravar o pai e momentos das férias que até então parecem comuns, mas retratam uma dificuldade extrema de Calum em lidar com a perda da juventude e balancear a - tentativa de - criação de uma menina na pré-adolescência. Elas não só criam um apelo estético de VHS, mas também funcionam como um modo de transpassar a confortabilidade que os dois têm quando manuseiam a câmera, mesmo que para Calum ainda seja difícil estar em frente a ela como objeto de estudo da filha. Para além das filmagens na *handycam*, a fotografia feita por Gregory Oke se torna peça chave para o desenrolar da narrativa, que instiga o telespectador a contemplar os mesmos momentos que Calum e Sophie experimentam em tela. Para a menina, o pai ainda é uma imagem complexa de se entender, e o longa retrata isso de formas sutis, como uma

conversa na qual pai e filha são separados por uma parede, ou estão em lados diferentes das cadeiras de praia com um parapente rasante entre os dois. Charlotte também comenta:

Trabalhamos muito para manter Calum à distância de um braço, para manter mais distância física entre ele e a câmera, a fim de criar a sensação de que ele é, de certa forma, incognoscível. (WELLS, 2022)

Mas apesar destas características serem usadas para mostrar uma certa distância entre os dois, mais do que nunca o esforço feito por Calum fica evidente em tela para que a proximidade da filha permaneça. Embora a demonstração de pouca vontade acerca de uma atividade comum como um karaokê, ou o esquecimento da filha para fora do quarto durante uma noite sejam alguns dos pequenos desleixos que tornam explícita a negligência por parte dele sobre Sophie, a iniciativa de realizar uma grande viagem, os pequenos momentos e gestos de preocupação revelam os últimos esforços de um pai tentando mostrar sua melhor versão para filha. E, na tentativa de reencontrá-lo, Sophie, agora adulta e mãe, também busca se colocar em um lugar de compreensão. Em suma, o que pode ser analisado é que os sentimentos que outrora eram ocupados por ausência e negligência, passam a ser entendidos pela personagem como um possível indício de depressão por parte de seu pai.

Mesmo que as imagens exibidas na tela sejam apenas um recorte de uma infância desconhecida pelos espectadores, Wells nos mostra através da fotografia e direção de arte uma imersiva coleção de memórias incompletas. Em teoria, podemos dizer que *Aftersun* se torna uma tentativa de se reconectar com o passado. A cineasta ainda adiciona:

É pessoal porque o sentimento é meu e permiti que minhas próprias memórias e anedotas de toda a infância formassem o tipo de esqueleto a partir do qual trabalhei para escrever o primeiro rascunho. Mas depois desse ponto, a história passou a ser muito sobre a história que eu estava tentando contar, e isso frequentemente exigia afastá-la da minha própria experiência. Porque eu nunca estive nessa [viagem]; nunca tentei recriar um único feriado. (WELLS, 2022).

Somos conduzidos a um retrato paternal que, apesar de ser complexo na vida da personagem e da autora, nos mostra uma visão memorialística do mesmo. Assim, através da autoficção, Charlotte Wells procura em si mesma uma forma de encontrar aquilo que perdeu e, juntamente a ela, indagamos o que nem ela pode afirmar, abrindo uma brecha para sua criação e reflexão.

[...] o ser comum que descobre a vontade e com ela o poder de questionamento, de reflexão, de decisão e de expressão dos sentidos que constrói ele próprio, a cada vez, para o

mundo e para si – e a exigência de expressão, como forma de instituição, para si e para os outros, desses sentidos. Um ser que, sem estar certo do que encontra a cada vez, não deixa de descobrir a paixão de se buscar. (LEROUX, p. 5, 2010)

#### 4. CONCLUSÕES

Em síntese, *Aftersun* se torna uma obra que não só carrega uma carga emocional na sua criação e realização, como também no momento de exibição. O filme utiliza de seus espaços vazios e momentos de pausa para que o próprio espectador adicione a sua percepção do outro lado da tela, afinal, uma bagagem específica gera sentimentos e relações diferentes com o mundo e a realidade de cada um. Charlotte Wells cria uma narrativa que se complementa com a sua vida através da autoficção, mas também com a vida pessoal de cada um que assiste ao seu filme, e convida a plateia a compreender - e se reconhecer em - uma relação de pai e filha mediante através de imagens e escolhas estéticas que retratam a complexidade desta troca afetiva.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema: uma introdução**. Local de publicação: Edusp, 2013.

COSTA, André Oliveira; MARINO, Adriana Simões. **O herói na psicanálise de Freud e Lacan: revolução e subversão**. *Psicologia USP*, São Paulo, setembro de 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/cMMFdttcWFjhtgWVs34y6Ns/?format=pdf>. Acesso em: 19 ago. 2024.

LEROUX, Liliane. **A autoficção como gênero de formação: “a criação de si” nas experiências de produção audiovisual das periferias**. *Cerrados* [online], Brasília, v. XX, n. XX, p. XX-XX, ano. Acessado em 19 de agosto de 2024. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/13958>.

SIMÕES, Júlia da Rosa. **A estranha ideia de família**. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

WELLS, Charlotte. **Charlotte Wells on Aftersun: "Grief Doesn't Exist without the Joy"**. In: DENNEY, Alex. *AnOther Magazine*, Reino Unido, novembro de 2022. Acessado em 19 de agosto de 2024. Online. Disponível em: <https://www.anothermag.com/design-living/14529/charlotte-wells-aftersun-interview-paul-mescal>.